

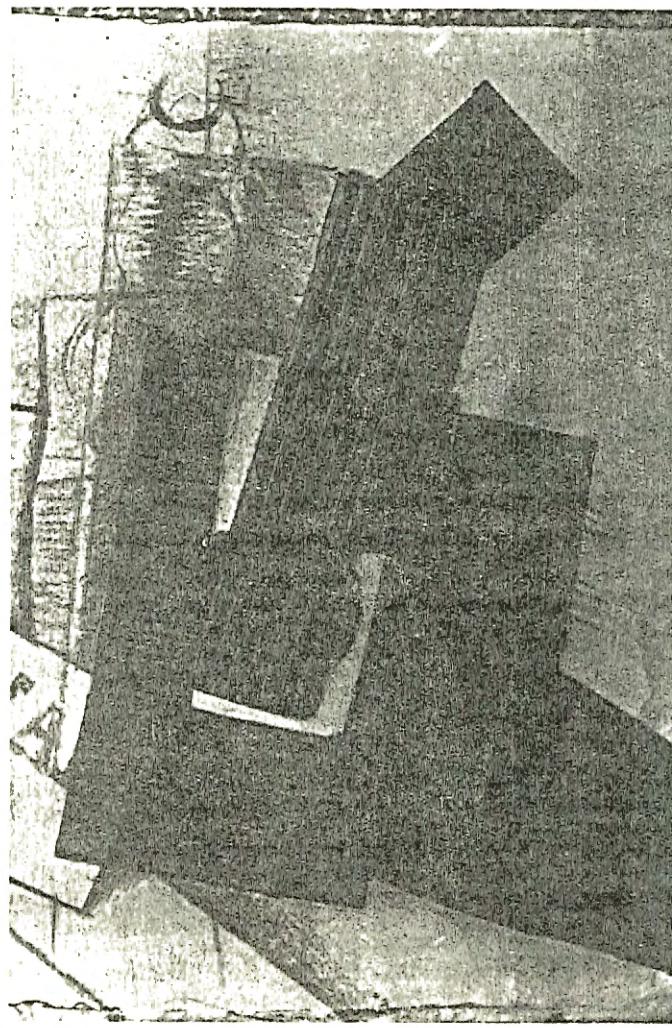
# Balanço do Século

A monumental retrospectiva dedicada ao cubismo organizada pelo MoMA — o panteão americano da arte moderna — parece refletir o desejo de se efetuar um balanço do século, começando pela análise aprofundada de um dos seus movimentos basilares. A idéia é mais do que oportuna, basta que se considere que o panorama dos anos 80 aponta, por um lado, a paralisia e a crise do projeto moderno e, por outro, o ecletismo caótico de uma grande parcela da produção artística atual, que só faz derrapar nas armadilhas da nostalgia, do delírio imagético e de outras disposições engendradas por uma ubíqua e controversa “condição pós-moderna”. Assim, nada como oferecer em contraposição ao caos uma pausa para reflexão na forma de um painel detalhado da mais singular e fértil parceria que a história da arte registra: a do espanhol Pablo Picasso (1881-1973) com o francês Georges Braque (1881-1963).

Braque e Picasso trabalharam juntos de 1907 a 1914. A comunhão entre os dois era tão grande que chegavam a dis-

pensar a assinatura e a datação das suas obras. Totalmente absorvidos no trabalho comum, desde cedo mantiveram-se alheios ao cenário artístico. Nunca tiveram preocupação em elaborar um programa e, a despeito de toda a tinta que se gastou explicando o cubismo — que não foi pouca —, isto se deveu a seguidores ou críticos próximos, mas nunca a eles. Foram distantes e reservados até 1914, quando Braque foi para a guerra. Não voltaram a ter a mesma sintonia mas o importante já havia sido feito. Uma obra havia sido construída, mais radical do que tudo realizado nas artes plásticas até então, e veio a se constituir na principal fonte de todas as vanguardas construtivas que viriam em seguida, e cuja influência se estenderia da arquitetura ao design, da literatura à música.

A entrada do cubismo em cena significou o golpe de misericórdia no sistema pictórico anterior. Este já tinha sido gravemente abalado por Cezanne, que havia iniciado a destruição da perspectiva geométrica e questionado o papel da ar-



0796945

Mandolin, de Braque, carvão, guache e papel sobre cartão de 1914.

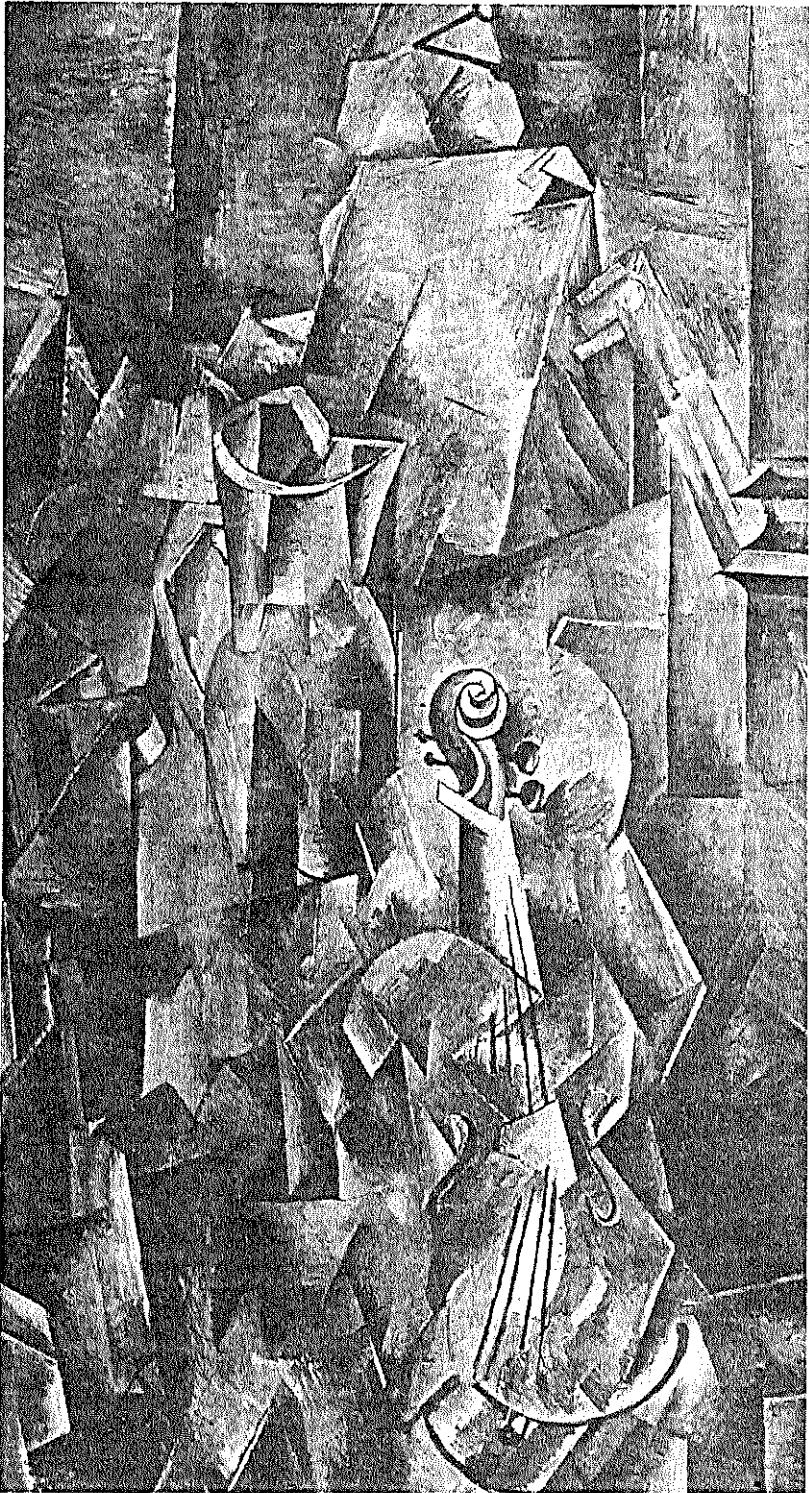
Revista. Guia das Artes - Internacional N° 17 - São Paulo /  
Casa Editorial Paulista - dez/89

v.4

SYSNO 0796945

PROD 002665

ACERVO EESC



Violino e jarro, de Georges Braque, óleo sobre tela de 1914.

te de então, ocupada em imitar uma realidade que lhe era exterior. O cubismo retoma esses achados e os expande. Demonstra como o sistema herdado desde o Renascimento era arbitrário e passa a buscar um outro, apoiado em novas proposições. Com ele a arte abandona todo efeito de ilusão; deixa de ser uma ação calcada no empirismo para se transformar num exercício da razão. A lição vem de Kant: conscientizamo-nos das coisas quando as traduzimos em configurações, noção que aplicada às artes visuais termina por lhes prescrever um papel que não se limita a representar as coisas tais como elas são apreendidas pelo nosso olhar descuida-

do. Seu papel agora passa a ser a recriação dessas mesmas coisas através de uma rigorosa organização formal. Procedendo dessa maneira um quadro explicita aquilo que de fato ele é: uma lição para o olhar; uma forma de pensar o mundo, que amplia a nossa experiência dele. Assim, o cubismo é incisivo: um quadro é um quadro; um plano que não passa, pelo uso de cores, ponto e linhas, de uma realidade plástico-formal. Estabelecendo-se como centro de suas investigações, o sistema cubista afirmou sua especificidade de pintura e descontou para esta um imenso território a ser explorado.

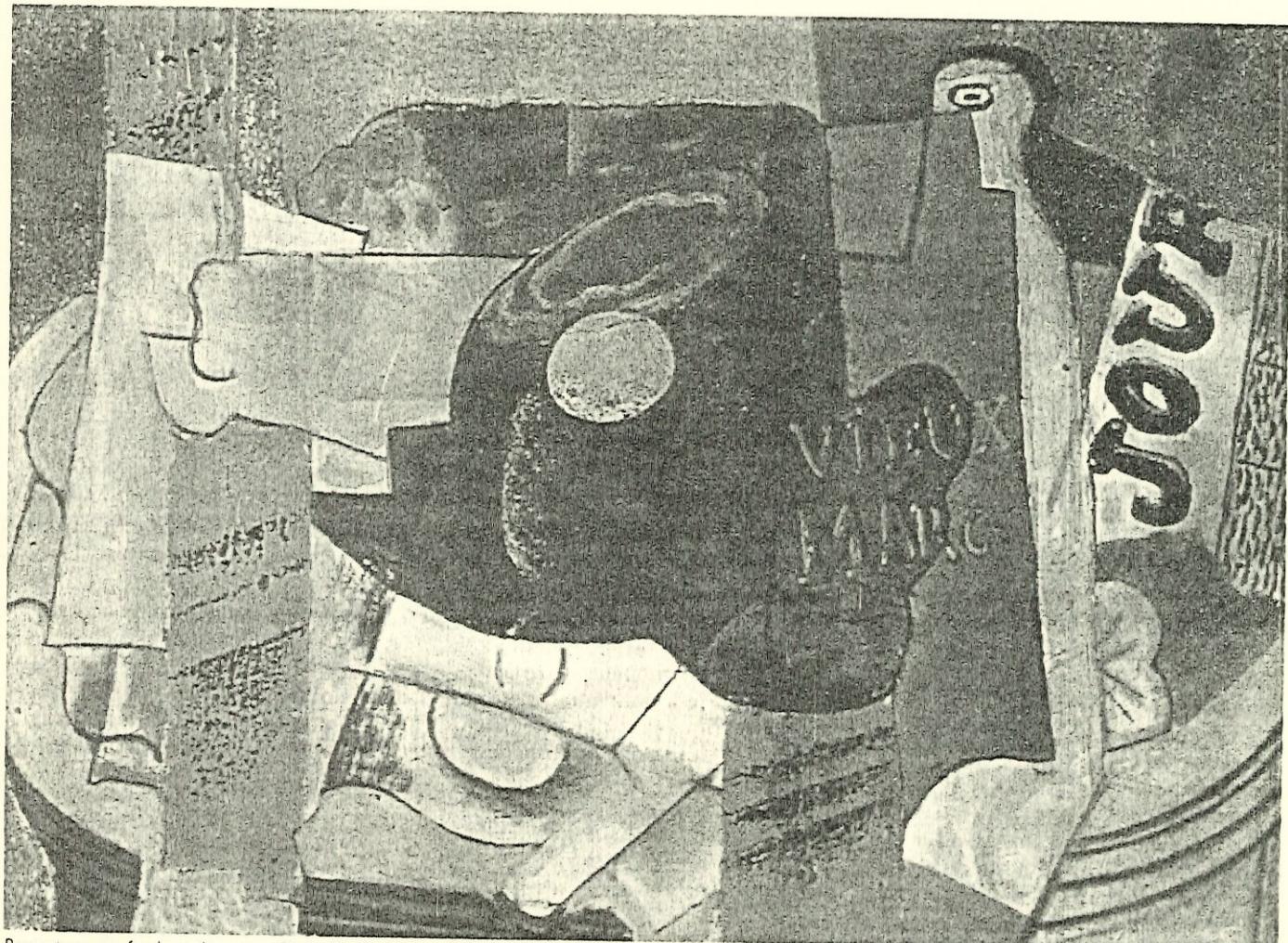
A afinação da parceria de Braque com Picasso, onde este entra com a ruptura e aquele com o rigor metodológico, pode ser avaliada em toda a trajetória ao longo da qual, classicamente, o cubismo é dividido em três fases. A primeira é a "cezanniana", que alguns autores inscrevem na segunda, e que foi desflagrada pela lendária *Les Demoiselles d'Avignon* de Picasso, realizada em 1907. Nestas e nas obras até 1909 o destaque é dado a questões tanto oriundas da arte negra quanto a Cezanne, que enfocam pontos como a volumetria das formas, a ausência de distinção entre o fundo e a figura e a abolição da ilusão de profundidade. O período seguinte é o "analítico". Esta fase, que vai até 1912, centra-se na desestruturação radical das imagens, reduzidas a linhas verticais, horizontais, oblíquas e curvas, indicando altura, largura, profundidade e volume. As telas transformam-se assim em uma unidade espaço-temporal, e os objetos representados perdem suas formas acabadas e desmontam-se victimados por uma apreensão feita a partir de ângulos de vista variáveis. Além disso, como que para melhor afirmar sua natureza de pura pintura, objeto de construção intelectual, disposto a não conceder atrativos aos olhos e às emoções, as cores são sóbrias e neutras e as telas quase monocromáticas.

Desse modo, as figuras que já estavam quase que inteiramente decompostas, esbarram perigosamente na abstração. Finalmente há o período "sintético". Marcado pela simplificação das formas que passam a ser planas e coloridas, essa fase inverte o processo da fase anterior e faz o cubismo retomar sua essência de arte figurativa. Um feito notável dessa fase que irá durar até 1914, e que garantirá ao cubismo uma maior comunicabilidade, foi a invenção da colagem, revolucionária naquele momento. Maneira de evidenciar a intersecção da arte com a vida, a colagem, ao passo em que utiliza novos meios para qualificar a tela, agregando à sua superfície fragmentos do mundo, demonstra que o pensamento penetra as coisas mais disíspares e as reúne.

Fascinantes por serem um marco divisor da história das artes, os anos de 1907 a 1912 fascinam também por um motivo muito particular: são a crônica emocionante de uma amizade envolvida na criação artística.

Agnaldo Farias

Professor de História da Arte do curso de Arquitetura de São Carlos da Universidade de São Paulo.



Presunto, garrafa de vinho, garrafa de Vieux Marc e jornal, de Pablo Picasso, óleo e areia sobre tela de 1914.